

PESQUISA E MÉTODO EM HISTÓRIA: UM ESTUDO
RESEARCH AND METHOD IN HISTORY: A STUD

Willian Roberto Vicentini¹
Emerson Adriano Sill²

RESUMO: O referido artigo busca efetuar um estudo sobre o tema pesquisa e metodologia no ensino, desta forma mostrar-se-á a história e sua prática como meio de desenvolvimento profissional usada pelo professor em suas atividades em sala de aula e no processo da pesquisa, contribuindo assim com o cotidiano educacional e com a atividade docente, tendo em vista os desafios da profissão docente nos dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: história, metodologia, educação, pesquisa.

ABSTRACT: This article seeks to conduct a study on the research theme and methodology in teaching, in this way will show the story and his practice as a means of professional development used by professor in its activities in the classroom and in the process of research, thereby contributing to the educational life and with the teaching activity, in view of the challenges of teaching profession today

KEYWORDS: history, methodology, education, research.

INTRODUÇÃO

Vive-se a era do conhecimento, da maravilhas tecnológicas e de um arcabouço de novidades que nos deixam cada vez mais perplexos e voltados para dois primeiros desafios, o da “obrigatoriedade” de se estar “antenados”, pois nossos alunos vivem neste mundo e ainda dentro deste processo, não se perder a essência do transmitir, dialogar e refletir os conteúdos em história.

Demo (2009, p. 05) escreve “temos com a tecnologia uma relação *sui generis*. Mesmo sendo meio criatura nossa, ela acaba se impondo como fator decisivo de mudança, por ser, ao mesmo tempo resultado e promotor de mudança”.

¹ Licenciado em História, mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

² Licenciado em História, mestre em educação pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Contato: willberto66@yahoo.com.br. Recebido: 23/03/2011. Aceito: 15/05/2011

Os fatos históricos são muitos na história da humanidade, pesquisados e analisados de diversas formas, pois cada profissional da história tem sua metodologia e aplica-a de forma particular. Podemos citar que na área das humanidades, a história se apresenta como rica para a reflexão, não apenas pelo conhecimento dos fatos, mas também pela análise da vida como um todo, onde a referida área nos propicia a discussão e o debate, gratificantes na construção do conhecimento, no desenvolvimento pessoal e profissional.

Pesquisa-se, dialoga-se e reflete-se história de maneira a fazer com que os referidos conteúdos sejam transmitidos à gerações de estudantes e profissionais fazendo dessa algo positivo dentro da procura por atualização profissional e pela busca do senso crítico e uma formação plena, necessárias para o desenvolvimento do profissional historiador, em suas atividades como pesquisador ou em sala de aula.

O PAPEL DO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO HOJE

Versar sobre o papel do profissional em história nos dias atuais é complexo, pois este busca de muitas formas desenvolver seu trabalho de maneira completa, tendo como ponto inicial os estudos da chamada teoria da história, para então formar uma bagagem de conhecimentos para então buscar um avanço de seus estudos.

Sabe-se que a posição do docente na atualidade pode ser vista como de grande importância visando o desenvolvimento social de seus educandos. É claro que este não é o único papel exercido pelo professor, este no seu exercício cotidiano enfrenta muitas e diversas situações que lhe atribui vários papéis, podemos exemplificar quando somos um conselheiro ou amigo mais velho, que nos faz deixar o conteúdo um pouco “de lado”.

A educação em nível superior leva o docente e seus alunos a utilização de meios pelos quais o conhecimento é construído, não se admitindo a simples reprodução de conhecimentos, onde a inovação deve ser aplicada, tendo (quando possível) uma metodologia para cada tipo de aluno ou turma.

Para tal, Vasconcelos (2007, p. 07) escreve,

na minha experiência em sala de aula, porém, somente umas duas ou três tiveram resultado positivo. E porque isso? Por um motivo muito simples: o ensino de qualquer disciplina ou em qualquer nível não admite receitas prontas. Ou usamos nossa criatividade em sala de aula, ou mudamos de profissão.³

A reflexão a respeito do papel do professor nos dias atuais é pautada na Legislação Educacional vigente no Brasil. Muito da legislação de nossos dias é fruto de realizações de políticos que atuaram em defesa do ensino de primeiras letras no período imperial brasileiro e também durante os anos iniciais da República. Dentro deste contexto, observamos que durante muitos anos a educação foi objeto de discussão entre parlamentares e também foi objeto de revoltas e manifestações a favor de uma melhora na educação.

Sabe-se que da Lei Geral de 1827, foi à primeira lei após a saída dos jesuítas e também foi uma inspiração do poder público em realizar algo de positivo para a educação. A chamada lei Januário da Cunha Barbosa, de 15 de outubro de 1827, se encaixa como uma lei de cunho liberal, pois trazia em seu texto a obrigatoriedade da aberturas de escolas em todos os lugares do Império. Nos dias atuais encontra-se a LDB de 1996, a referida legislação buscou e busca nos dias atuais uma melhora para a educação, com propostas flexíveis, ponto este mostrado na questão do acesso à educação.

Demo (1997, p. 19) escreve “parece inegável o esforço dos legisladores de garantir, no espírito da lei, mas igualmente em muitos detalhes concretos, uma proposta flexível de organização de sistemas”.

Ainda se pode citar, que a determinação da LDB enfatiza que o professor em tempo integral tenha parte do tempo de dedicação voltado para a pesquisa e a extensão, como elementos inclusos do processo acadêmico universitário.

É claro que este é um dos pontos que a nova LDB se diferencia das outras leis de ensino e também apresenta uma tendência em aumentar a autonomia das IEs.

Pode-se ressaltar que toda esta busca em se ter uma educação mais envolvente, que traga o discente para a busca do conhecimento nas ações diversas, se relaciona diretamente com o papel docente. Neste contexto, iremos ampliar o tema, ao abordar o papel do

³ Tal fato se refere a questão das técnicas ou dinâmicas de ensino em sala de aula conhecidas pelo prof. Vasconcelos.

professor em sala e as várias situações por que passa este profissional no exercer de sua atividade.

O Papel do professor em face de uma nova realidade

Na pratica da docência, existe a necessidade da atualização de forma constante, devido à dinâmica dos tempos em que estamos vivendo. A informação e o conhecimento passam a ser conteúdos obrigatórios em sala de aula, pois se sabe que, como é possível discutir um tema sem estar atualizado do mesmo? A articulação entre a teoria e a prática passa a ser um desafio constante para o professor fora e dentro de sala de aula.

Neste processo o professor tem um papel de suma importância que é o de ir as fontes, interpretar os conteúdos e elaborar estratégias para facilitar o entendimento dos alunos em sala de aula e ao mesmo tempo estar sempre atualizado diante da dinâmica do processo ensino/aprendizagem.

Como citado, os tempos são outros, as diversas situações do cotidiano educacional como essa são discutidas e rediscutidas em sala de aula, sempre com grande riqueza temática, o professor em situações de sala de aula deve inserir o seu conhecimento enquanto um ser social, que tem sua própria história interagindo com as várias histórias de alunos que estão em seu convívio. Este comportamento é compreendido como uma comunicação mais afinada como uma sinfonia, ela somente existe se os instrumentos estão em sintonia com harmonia, é também necessário citar que a inter-relação entre o professor e a escola como um todo, passa a ser um integrante de um sucesso na educação, aspectos esses que devem ser citados devido a sua importância para o todo educacional.

Na dinâmica educacional, professor e aluno juntos, devem abordar conceitos, dialogar e devem estar em sintonia diante de todas as abordagens que são feitas em sala, mas construir o conhecimento denota uma critica que resulta em um entendimento mais claro dos temas abordados.

Nesta mesma linha de raciocínio o professor dispõe dos recursos bibliográficos e outros de pesquisa e passam a contribuir em sala de aula, mas claro que não é o mentor de todas as regras que serão estabelecidas. Para ele somente tem um papel em sala de aula

como apoio e não um marco central. Em nosso pensamento, o docente deve encaminhar os alunos ao conhecimento, sugerindo bibliografias diversas para o processo de construção do conhecimento.

Dentro deste processo, se pode citar que o docente tem como “obrigação” o de encaminhar seus alunos as mais diversas técnicas de pesquisa, virtuais ou não, sabe-se que o desenvolvimento desta se dá a partir da atividade docente. Ter em seu escopo de trabalho fontes diversas faz parte do cotidiano do historiador, documentos, imagens e uma bibliografia considerável que lhe de suporte em diversos momentos de suas atividades lhe torna um profissional de respeito.

Demo (2009, p. 06) nos aponta que, “novas tecnologias costumam incitar euforias, seja pela sugestão de reinventar a história e a roda, seja pela antevisão de futuros obscuros.”

É também necessário que o professor esteja ciente de tal fato para que ele ao discutir o conteúdo venha trazer mais informações para a sala de aula sem a necessidade de somente usar modelos pré-estabelecidos ou aulas já formatadas. O processo educativo dentro de uma universidade deve ser o da pesquisa, do desenvolvimento de atividades claras em seus conceitos, que procurem estimular os discentes em um processo de envolvimento em que o aluno vai vivenciar já durante seu curso a sua vida profissional.

Mas considera-se como ponto determinante (como já foi citado) este envolvimento e interação do professor com os seus, deve acontecer em todos os momentos do espaço universitário, tal situação não pode ser deixada de lado, pois pode-se perder a essência do processo acadêmico. Espaço este em que as ideias devem circular livremente em um contexto global.

Na atualidade a dinâmica educacional nos leva a busca da relação dos conceitos históricos, analisar os teóricos e seus principais aspectos é um ponto chave no trabalho docente, é claro que reflexões sobre o tema devem ser bem esclarecidas, não no sentido de tentar destruir a teoria, mas sim tentar entendê-la nas suas várias dimensões. O que passa a ser uma construção muito importante para o aluno diante de sua realidade.

Os tempos modernos deram a possibilidade de se estudar todo, e qualquer fenômeno dentro de uma dimensão do global, ou seja, é possível identificar de que tudo o que é feito

enquanto tema histórico e pode ser descrito como um efeito global claro que nas suas devidas dimensões.

Sabe-se que a história enquanto área do conhecimento leva-nos a muitas possibilidades de reflexão, de um tradicionalismo da análise de fontes documentais “puras”, sem uma opinião, para um processo em que todos podem se tornar objeto de estudo. A história deve ser estudada, para ser bem compreendida e todo docente deve exercer seu papel de forma a conduzir seus discentes ao referido conhecimento.

Exemplos de uma história “comum” podem ser trabalhados em sala de aula na proporção de qual é o efeito e a causa dos referidos fenômenos apresentados, aí neste ponto entra as teorias que vão a determinados momentos definir a forma de pensamento e de alguns critérios que devem ser analisados.

O desafio da pesquisa

Nos tempos de hoje, a história e seu estudo, se tornou objeto de pesquisa não apenas nas universidades, mas também em eventos diversos. As fontes apresentam um novo contexto e uma diversidade de situações muito grande, como por exemplo, um relatório de características nem sempre tem uma linguagem acessível dentro do corpo da escrita. Mas a “tradução” para uma linguagem mais simples para determinada situação passa a ser um trabalho em que o próprio docente pode realizar com seus alunos.

Glênisson (1961, p.12) escreve sobre os conhecimentos históricos:

ora, trata-se de um conhecimento seguro, preciso, intangível. A história é uma questão de memória. É conhecida em todos os pormenores, distribuída por toda a eternidade em fatias cronológicas rigorosamente ajustáveis uma à outra e na qual se alinham, disciplinadamente, os acontecimentos chamados históricos.

Interpretar as fontes é algo que o espaço acadêmico e o curso de história propiciam, desde uma matéria de jornal, até um teórico consagrado, o trabalho e a atuação desse docente e seus pupilos deve-se estar acompanhada da reflexão, de todo o contexto em que os

fatos ocorreram. Em nosso pensamento está aí o grande trabalho do historiador, o de interpretar e mostrar aos alunos os devidos porquês e todos juntos engajados no processo.

Ainda se pode deixar claro que as fontes dialogam entre si, o historiador deve efetuar uma relação entre elas, uma fonte do tipo reportagem de um determinado periódico, como jornal, sobre um tema qualquer, pode ser trabalhado com informações de um texto, tais informações podem ser cruzadas com o intuito de enriquecer o tema trabalhado.

Para o ensino superior, determina-se que o formato de pesquisa tenha uma conotação de desafio e aprendizado, em que o aluno partilhe dos novos conhecimentos, assim o próprio aluno com ajuda do professor pode e deve interpretar esta nova forma de aprender o conteúdo.

O que é necessário ficar claro para o aluno é de que existem várias formas de fontes para adquirir o conhecimento de forma geral, e que cada uma delas exige uma forma de tratamento diferenciado, ou seja, cada uma delas tem uma leitura diferenciada.

Para o aluno esta compreensão passa a ser uma forma de estudo, e posteriormente de suporte intelectual.

Os conceitos básicos da história de como conhecer e interpretar fontes e todos as nuances que as cercam devem ser bem trabalhados durante o período acadêmico, pois as diversas temáticas devem acrescentar no contexto geral.

Em muitos aspectos a vivência do aluno no trato com as diversas fontes é importante para trabalhar qualquer temática, quando o aluno identifica as temáticas no seu cotidiano, ele pode observar a teoria diante da prática diária.

Todo o tema pode ser trabalhado, da história antiga, medieval, moderna ou contemporânea, dos reis aos subalternos, dos “descobrimientos” às grandes conquistas, mas a forma a ser trabalhado somente será possível pela identificação do professor com sua turma é o que vai definir como o conteúdo para ser desenvolvido.

Este processo supõe que este referido professor crie algumas alternativas que venha a sugerir aos alunos um maior entendimento para o conteúdo ministrado, sendo que o docente ao estar mais próximo de seus alunos, conhecendo-os poderá apresentar inúmeras alternativas.

O saber “ler o mundo” como um todo e nas suas particularidades é uma competência de que o aluno deve desenvolver a realidade da atualidade e as relações entre as sociedades, são fatores determinantes para fazer esta leitura.

A relação com outras formas de conhecimentos científicos, ou seja, a interdisciplinaridade deve ser trabalhada em sala de aula devido a sua importância com a referida temática, o envolvimento com as outras disciplinas enriquecem os conhecimentos dos alunos de forma geral, a importância de outras áreas impelem e agir de forma concentrada diante de uma temática, deixando ela mais clara.

As disciplinas de forma geral têm sua inter-relação como é possível entender o capitalismo sem envolver a história e a matemática, são temáticas que agem entre si de forma a pertencer em uma circularidade de conhecimentos.

Todos os conhecimentos pertencem a uma temática somente é necessário achar um ponto de intersecção entre elas para que essa junção seja feita de forma adequada.

O pensar o agir de um aluno tem muito a ver com a sua formação enquanto este passa por vários estágios de desenvolvimento em sua vida como estudante. Mas somente o professor pode auxiliar neste processo, que sua vida acadêmica seja desde seu início a chamada intelectualidade acadêmica, que obviamente venha a resultar além de um excelente profissional um cidadão de opinião crítica na visão de mundo.

Cada uma das temáticas trabalhadas durante o curso, fortalecem o formar historiador, abrindo um leque de possibilidades para a ampliação dos temas em diferentes abordagens e diferentes óticas as temáticas. Este aspecto determina onde se pode chegar e de que forma vai-se chegar, em um nível de intelectualidade.

É importante entender que essa circularidade de conhecimentos específicos se faz necessária para uma maior relação cognitiva do aluno assim as áreas de conhecimento juntas somente tendem a ajudar a sala de aula.

Um pouco da teoria da história e sua metodologia

Como já citado, a história nos apresenta diversos fatos, ou se pode chamar de acontecimentos, que devem ser pesquisados dentro de uma metodologia específica. As

diversas fontes deixadas pelos humanos nesses milhares de anos nos dão pistas de como foi a sua existência e qual foi o seu legado às gerações futuras.

O direito romano, as pirâmides do Egito, o Coliseu, são exemplos de que a história nos deixa elementos para que possamos com pesquisa, conhecer melhor cada fato histórico e com estudos refletir sobre os acontecimentos ocorridos anteriormente, durante e a partir de tal fato as consequências para a humanidade.

Pode-se citar que as fontes históricas são diversas, desde um livro, até um disco de vinil, passando por fotografias e objetos diversos, todos podem nos mostrar como foi uma época que será descrita de forma única pela pessoa que estará escrevendo, ou seja, cada um que escreve história de maneira particular, com sua maneira de ser e de pensar.

Nos dias atuais as historiadoras têm a sua disposição várias fontes que podem ser estudadas dentro de cada concepção que o historiador se apóia.

Mas se sabe que nem sempre foi assim, muitos historiadores escreveram história (dentro de sua época) utilizando-se de fontes as quais acreditavam ser as mais exatas. De um entendimento do que se via por história, até a utilização da história do cotidiano, todo este processo se modifica durante os séculos. Nos últimos anos do século XIX até os primeiros anos do século XX predominou um tipo de estudo da história que se baseava na filosofia política de Auguste Comte.

Acreditava-se que só se poderia escrever a história dos povos que se organizavam na forma de Estado, e a referida escrita deveria estar relacionada a história política.

Pode-se citar que dentro do processo da historiografia, a concepção de história chamada de positivismo, trazia uma forma metódica em que não havia a intervenção do pesquisador.

Para tal, Birardi, Castelani e Belatto, escrevem;

o Positivismo pregava a cientificação do pensamento e do estudo humano, visando a obtenção de resultados claros, objetivos e completamente corretos. Os seguidores desse movimento acreditavam num ideal de neutralidade, isto é, na separação entre o pesquisador/autor e sua obra: esta, em vez de mostrar as opiniões e julgamentos de seu criador, retrataria de forma neutra e clara uma dada realidade a partir de seus fatos, mas sem os analisar. Os

positivistas crêem que o conhecimento se explica por si mesmo, necessitando apenas seu estudioso recuperá-lo e colocá-lo à mostra.⁴

Dentro deste contexto, pode-se citar que a partir do século XIX mostra uma mudança. Para tal escreve Vasconcelos (2007, p. 43) “a concepção de história e de pesquisa histórica desenvolvida no século XIX representou um passo decisivo para que a história deixasse de ser um gênero literário e se firmasse como disciplina acadêmica”.

Ainda dentro do tema e do mesmo artigo, escreve-se que;

nesse contexto surge uma nova concepção de história - a *nouvelle histoire* - associada a chamada *École des Annales*, agrupada em torno da Revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*. De acordo com Peter Burke, a *nouvelle histoire* pode ser definida por uma via negativa, em outras palavras, defini-la em termos do que ela não é, daquilo a que se opõe seus estudiosos.⁵

Com esta criação, veio uma nova maneira de escrever história tendo como fonte qualquer personagem, pesquisado dentro de um contexto específico.

Pode-se citar que a historiografia chamada tradicional não ficou totalmente descartada, pois esta estabeleceu padrões para a metodologia da pesquisa em história.

Retornando ao processo desta nova historiografia, sabe-se que foi na década de 1930 que esta corrente de estudos históricos é criada na França e se estabelece na Europa, tal fato se mostra de grande interesse para pesquisadores do mundo inteiro.

A nova corrente chamada de Escola de Annales⁶ buscava novos tipos de fontes e maneiras novas de narrar a história, colocando elementos desconhecidos como objeto de pesquisa, os grandes e heróis poderiam não ser o grande objeto da pesquisa. Pode-se citar neste contexto que historiadores escrevem sobre a história cultural e a micro-história, com pequenos objetos de pesquisa.

⁴. Birardi, Ângela. Castelani, Gláucia Rodrigues. e Belatto, Luiz Fernando B.. O Positivismo, Os Annales e a Nova História in < <http://www.klepsidra.net/novaklepsidra.html> > edição 7 abril/maio 2001, acesso em 05.jan.2011.

⁵ ibd idem.

⁶ Neste último dia 15 de janeiro de 2011 e revista completou 82 anos de existência.

A Nova história vem dentro deste contexto mostrar objetos de pesquisa que contemplem uma narrativa da história, tem como concepção a valorização dos documentos oficiais, ainda tem como base a crença em uma história objetiva.

É claro que ao se escrever história, não se deve deixar os alunos sem referência, deve-se mostrar as diversas correntes de pensamento, do tradicional ao atual, para que estes possam organizar suas idéias, sabendo que cada momento da história teve seus teóricos que acreditavam estar fazendo o correto e que cabe a cada pesquisador estabelecer sua metodologia de pesquisa e suas fontes.

O trabalho docente em história

Muitos dos docentes da história, não consegue se separar dos seus rascunhos, pois sem eles a aula não se desenvolve, acreditando que suas anotações e sua memória bastam para “ensinar” história.

Outros utilizam-se de fontes diversas repassando uma história factual, sem reflexão, apenas se baseando no acontecimento em si, como um pré-vestibular em que se devem decorar fatos para ser aprovado na prova.

É claro que estamos aqui debatendo certos modelos de teoria da história, ou ainda dialogando como cada docente exerce sua profissão, mas o que se sabe é que a reflexão acerca dos conteúdos históricos não pode faltar.

Junto com a reflexão, o trato correto com as fontes também deve ser algo que o professor deve fomentar em seus alunos, mostrando a estes que as fontes históricas são variadas e se deve ter uma atenção especial aos documentos, que nos mostram evidências do passado (como outra fonte qualquer) mas se deve ter uma atenção especial.

Dentro desse processo, deve-se antes de tudo conhecer sua turma e a partir deste fato utilizar-se da melhor maneira de trabalhar os conteúdos. Deve-se lembrar que cada turma é de um jeito e tem seu ritmo próprio, fato que leva o docente a planejar suas aulas sabendo deste detalhe, sabendo que a pesquisa e a análise dos fatos históricos deve ter algum sentido.

Superar o modelo tradicional em que o docente era o “dono” do conhecimento e fazer das aulas um espaço da sociabilidade e da troca de conhecimentos é o grande desafio.

Aulas dinâmicas, com uma metodologia inovadora em que os fatos históricos sirvam como ponto inicial para a discussão deve ser o ponto base para cada docente, ainda trabalhar com imagens, com a história oral, utilizando-se de depoimentos e textos de autores

Vasconcelos (2007, p. 68) escreve que:

outra mudança diz respeito ao modo como são tratados os documentos. É possível, inclusive, realizar uma abordagem inovadora a partir de fontes tradicionais. O historiador francês Lê Roy Laudire, por exemplo, escreveu o livro *Montaillou*, um importante estudo de História da cultura popular na Idade Moderna, usando quase que exclusivamente registros judiciais como fonte.

No trabalho docente temos que muitas vezes ler as informações nas entrelinhas e retirando de cada fonte as informações necessárias à construção do conhecimento.

Referências

VASCONCELOS, José Antônio. **Metodologia do Ensino de História**. Curitiba. Ibpex, 2007.

GLÊNISON, Jean. **Iniciação aos estudos históricos**. São Paulo. Difusão européia do livro, 1961.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa. Editorial Presença, 1972.

BIRARDI, Ângela. CASTELANI, Gláucia Rodrigues. e BELATO, Luiz Fernando. **O Positivismo, Os Annales e a Nova História** in < <http://www.klepsidra.net/novaklepsidra.html> > edição 7 abril/maio 2001, acesso em 05.jan.2011.